

**SUA VIDA COM BENITO TRADUZIDA:
BANALIZAÇÃO DO FASCISMO E RECEPÇÃO NO
BRASIL DAS MEMÓRIAS DE RAQUEL MUSSOLINI**

**La sua vita con Benito tradotta: banalizzazione
del fascismo e accoglienza in Brasile dei
ricordi di Raquele Mussolini**

**His Life with Benito Translated: Trivialization
of Fascism and Reception in Brazil of the
Memories of Raquel Mussolini**

PROF. ME. LEONARDO ROSSI BIANCONI *
PROF. DR. ANDREA SANTURBANO **

RESUMO: Em 15 de fevereiro de 1949, o suplemento literário *Autores e Livros*, do jornal *A manhã* do Rio de Janeiro, publicou uma longa resenha da tradução das memórias de Raquel Mussolini, intitulada *Minha vida com Benito*, publicada em 1948 pela editora Instituto Progresso Editorial (IPÊ), integrando a Coleção Meridiano, que propunha uma seleção de livros para a formação de uma biblioteca de documentos históricos. Esta coleção traz ainda obras como a de Carmine Senise, chefe da polícia de Mussolini; as memórias de Dino Alfieri, embaixador italiano na Alemanha que organizou o encontro entre Hitler e Mussolini; entre outros. O presente artigo discute a relação entre essa escolha tradutória e suas possíveis ligações entre a comunidade italiana no Estado de São Paulo e o fascismo, na Itália e no Brasil. Para isso explicitamos as revisões da figura de Benito Mussolini

*Doutorando no PPGLit da UFSC
lrbianconi@gmail.com (ORCID - 0000-0002-8078-8218)

**Docente na Universidade Federal de Santa Catarina
andreasanturbano@gmail.com (ORCID: 0000-0001-5066-8971)



e as banalizações do fascismo no léxico e na semântica desses textos dos primeiros anos do pós Segunda Guerra, dando atenção especial à construção do Benito “pai de família” e às atenuações dos crimes fascistas nas memórias de Raquel Mussolini. Trazendo à tona os possíveis objetivos – mercadológicos, ideológicos e pessoais – dos editores do IPÊ, principalmente dos dissidentes do regime fascista exilados no Brasil, Francesco Malgeri e Luigi Federzoni.

PALAVRAS-CHAVE: Raquel Mussolini; Fascismo; Editora IPÊ.

ABSTRACT: Il 15 febbraio 1949, il supplemento letterario *Autores e Livros*, del quotidiano *A manhã* di Rio de Janeiro, ha pubblicato una lunga recensione della traduzione delle memorie di Rachele Mussolini, intitolata *Minha vida com Benito*, pubblicata nel 1948 dall’*Instituto Progresso Editorial* (IPÊ), faceva parte della collana Meridiano, che proponeva una selezione di libri per la formazione di una biblioteca di documenti storici. In questa raccolta sono presenti anche opere come quelle di Carmine Senise, capo della polizia fascista; le memorie di Dino Alfieri, ambasciatore italiano in Germania che organizzò l’incontro tra Hitler e Mussolini; tra gli altri. In quest’articolo discutiamo il rapporto tra questa scelta traduttiva e suoi possibili legami tra la comunità italiana nello Stato di San Paolo e il fascismo in Italia e in Brasile. Per questo esploriamo le revisioni della figura di Benito Mussolini e le banalizzazioni del fascismo nel lessico e nella semantica di questi testi a partire dai primi anni del secondo dopoguerra, con particolare attenzione alla costruzione di Benito “padre di famiglia” e le attenuazioni dei delitti fascisti nei ricordi di Rachele Mussolini. L’idea è di portare alla luce i possibili obiettivi – di marketing, ideologici e personali – degli editori di IPÊ, principalmente i dissidenti del regime fascista esiliati in Brasile, Francesco Malgeri e Luigi Federzoni.

PAROLE CHIAVE: Raquele Mussolini; Fascismo; Editore IPÊ.

ABSTRACT: On February 15, 1949, the literary supplement *Autores e Livros*, of the newspaper *A manhã* from Rio de Janeiro, published a long review of the translation of Rachele Mussolini’s memoirs, entitled *My life with Benito*, published in 1948 by *Instituto Progresso Editorial* (IPÊ), integrating the *Meridiano* Collection, which proposed a selection of books for the formation of a library of historical documents. This collection also features works such as those by Carmine Senise, Mussolini’s chief of police; the memoirs of Dino Alfieri, Italian ambassador to Germany who organized the meeting between Hitler and Mussolini, among others. The present article discusses the relationship between this translational choice and its possible links between the Italian community in

the State of São Paulo and fascism in Italy and Brazil. For this, we explain the revisions of the figure of Benito Mussolini and the trivializations of fascism in the lexicon and semantics of these texts from the first years after the Second World War, giving special attention to the construction of Benito “a family man” and the attenuations of fascist crimes in memories by Rachele Mussolini. Bringing to light the possible objectives – marketing, ideological, and personal – of the editors of IPÊ, mainly the dissidents of the fascist regime exiled in Brazil, Francesco Malgeri, and Luigi Federzoni.

KEYWORDS: Raquele Mussolini; Fascism; Publisher IPÊ.

1. Introdução

Em dezembro de 1948, o Instituto Progresso Editorial (IPÊ) lançou a tradução das memórias de Raquel Mussolini¹, intitulado *Minha vida com Benito* e traduzido por Dina De Mattei. A obra integra a Coleção Meridiano, que propunha uma seleção de livros para a formação de uma biblioteca de documentos históricos. Essa coleção traz, ainda, obras como a de Carmine Senise *Eu fui chefe da polícia de Mussolini* (1947); as memórias do embaixador italiano Dino Alfieri *Hitler e Mussolini: frente a frente* (1949); as memórias do Marechal Mascarenhas de Moraes *A FEB pelo seu comandante* (1947); e uma análise da época intitulada *Três Imperialismos em luta* (1948) do jornalista italiano Ítalo Zingarelli, entre outros. Podemos notar que a ideia de documento histórico dos editores para esta coleção se concentrava nos eventos da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente nos eventos que tiveram a Itália como palco. Neste artigo discutiremos as escolhas dessas obras em relação à sociedade da época, considerando a comunidade italiana na cidade e no estado de São Paulo, com o fascismo italiano. Essa relação terá como destaque as memórias de Raquel Mussolini e a recepção da tradução no suplemento literário *Autores e livros* do jornal *A manhã* do Rio de Janeiro. Buscaremos ainda discutir os possíveis objetivos – mercadológicos, ideológicos e pessoais – dos editores, principalmente dos dissidentes do regime fascista exilados no Brasil: Francesco Malgeri, que ocupou o cargo de diretor geral da IPÊ, e Luigi Federzoni que foi colaborador da editora e do jornal *O Estado de São Paulo* sob falso nome (NEVES, 2011).

Os caminhos que nos levaram a pesquisar o IPÊ, a encontrar memórias de Raquel Mussolini e a notar os demais títulos supracitados de textos traduzidos do italiano, foram abertos pelo projeto de pesquisa *A literatura italiana traduzida no sistema literário nacional*². O projeto de catalogação e de aquisição das obras permitiu identificar títulos e editoras que intrigaram os pesquisadores sobre a formação destas no contexto brasileiro e as escolhas tradutórias. Esses achados constituíram grupos de pesquisa, ainda hoje ativos, e favorecendo novas perspectivas para o estudo da relação entre Brasil-Itália ou Itália-Brasil que foi

1 Na obra publicada no Brasil os editores traduziram, como prática da época, o nome da autora. Em italiano é grafado como Rachele Mussolini. Optamos aqui por manter Raquel Mussolini.

2 Financiado pelo CNPq (Edital Ciências Humanas 400500/2010-8) em sua primeira fase (2010-2014) teve como seu principal objetivo a criação de um dicionário eletrônico que abarcasse toda literatura italiana traduzida para o português brasileiro de 1900 a 1950 (www.dblit.ufsc.br). Formado inicialmente por duas equipes de pesquisadores, uma na Universidade Federal de Santa Catarina, e a outra na Universidade de São Paulo. O projeto foi coordenado inicialmente pelos professores Patricia Peterle (UFSC), Andrea Santurbano (UFSC) e Lucia Wataghin (USP). Para mais informações consultar *Literatura Italiana Traduzida* disponível em: <https://neclit.ufsc.br/projetos-de-pesquisa/> Acessado em: 21/03/2022.

(...) muito intensa ao longo dos séculos. Na verdade, a presença de italianos e da cultura italiana em terra brasileira faz parte da história do país. Contudo é no final do século XIX e no início do século XX, que algumas dessas relações passam a ficar, de alguma forma, registradas. O desenvolvimento e o crescimento dos jornais e das publicações em geral, como podem ser as revistas e os suplementos literários e culturais, nessa passagem de século, são um momento crucial para as relações entre os dois países. (PETERLE; SANTURBANO; WATAGHIN. 2011, p. 104)

Partindo do livro enquanto objeto de pesquisa, este artigo comunga com uma das propostas do projeto: “pensar a literatura italiana traduzida a partir do próprio objeto, isto é, o livro. O livro traduzido e editado no Brasil”. (PETERLE, 2013, p. 40).

As memórias de Raquel Mussolini e os demais títulos foram, em primeiro lugar, encontrados fisicamente durante o desenvolvimento do projeto, para agora podermos discutir a publicação do original na Itália – dado o conturbado período pelo qual a península passava no imediato pós-guerra –, a publicação e a recepção no Brasil a partir dos paratextos editoriais como postulado por Gérard Genette em seu homônimo ensaio, ou seja, entendendo que os elementos constitutivos que estão anexados à obra física, como capa, textos de orelha, dedicatórias, ilustrações e afins são produtores de sentido, pois o texto está preso a esses elementos que, muitas vezes, dependem exclusivamente do editor e permitem uma interação visual/sensorial que antecede a leitura do próprio texto, mas direcionam a leitura (GENETTE, 2009, p. 10). Outro elemento de análise, que também nos permite pensar a recepção dessas obras, são os epitextos, entendidos por Genette como textos que estão no entorno da obra, mas são marcados por uma descontinuidade com a obra. Genette divide os epitextos em públicos e privados: os primeiros abarcam as resenhas, análises, entrevistas do autor etc.; os segundos são constituídos por diários e correspondências do autor que, com o tempo, podem integrar a obra.

2. Memórias de Raquel Mussolini

Durante a primeira fase da pesquisa da literatura italiana traduzida, discutiu-se sobre a inserção ou não das memórias de Raquel Mussolini e dos demais títulos, enquanto obra literária, que pudessem figurar no dicionário. Partindo do pressuposto que a escrita autobiográfica e/ou memorialística se dá pela reorganização e reconstrução de um passado vivido, que corresponda com uma dada necessidade no presente, na qual o trabalho do autor de se colocar por escrito, como diz Philippe Lejeune, é apenas um prolongamento do trabalho de criação de uma “identidade narrativa” (LEJEUNE, 2008, p. 104). No contraste entre o romance e a autobiografia, em relação à liberdade do autor, à verdade e à ficção, a leitura de memórias se inicia com o “pacto-autobiográfico”. Neste espaço, o leitor procura por uma verdade ao se deparar com uma obra

autobiográfica, embora o autor não esteja, necessariamente, comprometido com a veracidade dos eventos narrados. Concluimos que o texto da Mussolini, estabelecendo uma cisão entre “ele (Benito Mussolini) em sua grande luta política; eu (Raquel) recatada na labuta doméstica, e se colocando como “somente uma esposa, uma mãe e uma colaboradora” (MUSSOLINI, 1948, p. 7) para poder construir um Benito Mussolini “pai de família” e contar sobre vida íntima do casal e as interações dela com outras figuras-chaves do *ventennio* fascista, deveria fazer parte da catalogação por ser representante da interação entre Brasil e Itália a partir dos trabalhos de tradução. Ao considerar a literatura traduzida um co-sistema que parte da interação entre sistemas literários diferentes, fazendo parte de algo maior denominado *polissistema* (PETERLE, SANTURBANO, WATAGHIN. 2011, p. 111), seria interessante pensar na posição das memórias de Raquela Mussolini nesse “co-sistema” para começarmos a entender, ou melhor, a interpretar a decisão tradutória dos editores da IPÊ. Partindo do princípio de que os textos traduzidos, lidos e depois criticados e resenhados constroem a trama do universo literário e colocam dois sistemas literários em constante diálogo, sintetizado na ideia de *polissistema*, podemos pensar na

(...) tentativa de identificar as forças envolvidas num *polissistema*. Even-Zohar define três casos principais. O primeiro contempla as literaturas ditas jovens, isto é, que não são ainda consolidadas, e por isso encontram-se mais propensas a receber aquilo que vem de fora. O segundo refere-se aos sistemas literários ditos “periféricos” ou “fracos”, caso um pouco semelhante ao primeiro, mas com uma literatura que já pode ser consolidada; contudo, por ser “periférica” parece ser também sensível a produções provenientes de outros sistemas. E, enfim, o terceiro caso dá-se quando há pontos de mudanças, crises ou vazios num sistema literário. (*Ibidem*)

A publicação, circulação e divulgação das memórias de Mussolini, juntamente com a análise nos suplementos literários da época, proporcionam uma visão inicial da influência envolvida nessa trama sistêmica que promove o diálogo entre Brasil e Itália em meados do século XX. Isso pode ser associado aos três casos propostos por Even-Zohar. A Semana de Arte Moderna de 1922, ao introduzir a perspectiva antropofágica dos modernistas, marcou profundamente o sistema literário brasileiro, ao direcionar uma nova atenção para a literatura estrangeira, notadamente através da prática da tradução. Neste contexto, a tradução é entendida “como um canal de transmissão cultural: um ‘escambo’, uma ligação entre dois sistemas e até como um “movimento” de mão dupla” (*Idem*, p. 102). Sob esse prisma, podemos pensar numa literatura dita jovem no decorrer da primeira metade do século XX no Brasil. Quanto ao segundo caso, podemos dizer que, no já referido período, o sistema literário brasileiro é periférico em relação ao sistema italiano – não por uma dada fraqueza – por conta da corrente imigratória italiana para o Brasil, na passagem do século XIX para o XX, que permitiu colocar em circulação muitos periódicos impressos em

língua italiana e constituiu um público leitor que continuaria a consumir textos provenientes da Itália (MALATIAN, 2017).

Essa dinâmica, dada pelos imigrantes e por seus filhos, ajudou a movimentar o mercado editorial brasileiro no início da primeira metade do século XX, o que refletiu de modo significativo nas escolhas das obras a serem traduzidas por muitas editoras da época, incluindo o IPÊ, permitindo, assim, que o Brasil recebesse em seu sistema literário centenas de obras que abriram o diálogo com as mais diversas facetas socioculturais italianas como, por exemplo, o fascismo. Aqui, entramos no terceiro caso proposto por Even-Zohar, ou seja, podemos perceber pontos de mudanças, crises e vazios no sistema literário brasileiro, na primeira metade do século XX, não em sua totalidade, mas, mais especificamente, junto a essa grande massa populacional ligada aos imigrantes italianos. Algumas dessas mudanças, crises e vazios desse sistema podem ser observados a partir do estudo sobre o periódico *Fanfulla* e sua relação com o regime fascista entre os anos de 1922 e 1941 feito pela historiadora Teresa Malatian (2017). O recorte temporal da historiadora é preciso, pois marca a Marcha sobre Roma e a ascensão de Mussolini ao poder em 1922 e a proibição de publicação de materiais impressos em língua estrangeira no Brasil por conta do alinhamento do país com os Aliados durante a 2ª Guerra Mundial. Malatian explica, citando outros historiadores, que o fascismo alterou o modo de conceber os italianos no exterior.

Acostumados com o descaso dos governos anteriores, os italianos no Brasil passaram a se sentir representados pelo fascismo italiano por conta da propaganda fascista veiculada nos periódicos impressos no Brasil, por sua vez, como explica Oswaldo Truzzi:

(...) o governo fascista passou a enxergar com interesse a preservação dos laços da coletividade italiana com a pátria mãe, tendendo a ver os imigrantes como representantes e propagandistas potenciais dos interesses econômicos e políticos de uma nova Itália. (TRUZZI, 2016, p. 101 apud MALATIAN, 2017, p. 333)

Citando os historiadores Paulo Duarte e Werneck Sodré e a historiadora Tania Regina de Luca, Malatian diz que:

(...) esse papel de mediação exercido pela imprensa terminou “por acelerar o processo de integração dos imigrantes na sociedade brasileira” por traduzir para os italianos a realidade brasileira, longe de segregar ou produzir a formação de quistos culturais, formação social praticamente inexistente no Estado de São Paulo. Seu papel foi complementar ao das sociedades italianas de mútuo socorro e outras organizadas para manter os laços étnicos e que se espraiaram às centenas, promovendo beneficência, organizando bailes, concertos, festas e outras atividades culturais que

propiciavam ocasião de vida social aos imigrantes e seus descendentes. (MALATIAN, 2017, p. 335)

Junto com essa imprensa, o espectro do fascismo se espalhou para o interior do Estado de São Paulo e, logo na sequência, para o Brasil. Como é sabido, o fascismo teve bastante liberdade de circular, enquanto ideia, no território brasileiro nos anos vinte e, principalmente, nos anos trinta do século passado. Poderíamos, aqui, elencar uma série de episódios e publicações a respeito, mas, em nossa análise, vamos focar em duas figuras centrais que podem contribuir para problematizarmos a escolha tradutória das memórias da Raquel Mussolini, de Dino Alfieri (*Ministro della stampa e propaganda* (1936-1939) e *Embaixador* da Itália em Berlim (1940-1942)) e de Carmine Senise (Chefe de polícia durante o regime fascista (1940-1943)) publicadas na mesma coleção da Editora IPÊ: Francesco Malgeri e Luigi Federzoni.

Francesco Malgeri, ou *Fram*³ – como passou a assinar seus artigos –, começou sua carreira de jornalista em 1917, mas logo se tornou diretor do jornal *Il Messaggero* (1931-1941), com sede na capital romana. Esse periódico se tornou um braço do regime fascista. Malgeri participou ativamente da modernização da imprensa italiana, em particular no período em que o regime fascista assume a imprensa como principal veículo de propaganda. Alinhado ao fascismo de Mussolini, mas de posição anti-germânica, Malgeri foi afastado do cargo de diretor do *Il Messaggero* por Dino Alfieri. Preso pelos nazistas em Roma, na convulsão do pós-guerra, Malgeri vem com a família para o Brasil. Munido de sua indiscutível experiência no campo editorial, é um dos fundadores e diretor do IPÊ⁴, deu suporte para o estabelecimento de outro fugitivo vindo para o Brasil, Luigi Federzoni.

Federzoni também trabalhou ativamente na imprensa italiana da época. Foi, também, Ministro das Colônias, Ministro do Interior e presidente do senado, durante o regime fascista⁵. De forte vertente nacionalista e colonialista, foi uma figura importante no fascismo italiano, por conta de suas relações dentro do senado e com o rei, tendo participado das negociações entre o regime e a igreja católica, que levaram ao Tratado de Latrão, de 1929. Federzoni fez uma visita ao Brasil em 1937 e teve espaço reservado para o seu comício no estádio do *Palestra Italia*, cancelando um jogo entre o Palestra e o Corinthians, previsto para o dia primeiro de agosto, daquele ano, “para

3 Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-malgeri_%28Dizionario-Biografico%29/ Acesso em: 30 ago. 2023.

4 *Dizionario biografico degli italiani*: Francesco Malgeri – di CARLI, Maddalena – Volume 65 – 2007. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-malgeri_%28Dizionario-Biografico%29/ Acesso em: 04 abr. 2022.

5 *Dizionario biografico degli italiani*: Luigi Federzoni – di VITTORIA, Albertina – Volume 45 – 1995. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-malgeri_%28Dizionario-Biografico%29/ Acesso em: 04/04/2022.

uma ‘adunada’ fascista em homenagem a um grosso italiano que veio da Itália” (RAGONETTI, 1937, p. 11 *apud* GUIMARÃES, 2021, p. 167).

Em entrevista ao periódico *Il Popolo d'Italia*⁶, de 13/11/1937, Federzoni não conteve o entusiasmo a respeito do movimento fascista no Brasil à época (BERTONHA, 1997). No pós-guerra, no Brasil, Federzoni colaborou com artigos para o jornal *O Estado de São Paulo* e para o grupo editorial do IPÊ. Curiosamente, Federzoni é citado quatro vezes por Raquel Mussolini em suas memórias. No início, como organizador de “forças formidáveis contra” Benito Mussolini, sendo colocado como chefe de uma tentativa de golpe de Estado (MUSSOLINI, 1948, p. 92) e, por fim, como um dos traidores de Mussolini no golpe de 25 de julho 1943, quando, na última reunião do *Gran Consiglio del Fascismo*, Mussolini foi destituído do poder e preso. Federzoni e Dino Alfieri, que faziam parte do Conselho, votaram pela deposição de Mussolini. Em 1946, Federzoni foi condenado à prisão pela Corte de Cassação que julgava os crimes do fascismo, mas já era foragido. No decorrer do mesmo ano, Federzoni mandou, do Brasil, um memorial autodefensivo, publicado em um cotidiano romano (FRANZINELLI, 2021, p. 163-164). Em 1947, Federzoni e todos os aqui citados foram anistiados, alguns antes, outros mais tarde.

É a participação, direta ou indireta, nos eventos que destituíram Mussolini do poder, que paira sobre os autores traduzidos e os editores do IPÊ que citamos aqui, ao menos é desse modo que esses textos e essas traduções vão construindo essas figuras, em uma tentativa de absolvição e autoabsolvição em relação aos crimes perpetrados pelo fascismo italiano. Nesse ponto, vão se delineando várias possibilidades interpretativas para a produção e a publicação desses textos originais e para as traduções no Brasil, lembrando que tanto o Brasil quanto a Itália passavam por um período de crise e transição nos primeiros anos do pós-guerra. Agora que alguns dos protagonistas desse imbricado jogo político, jornalístico, editorial e literário envolvidos nessa relação Brasil-Itália foram localizados, podemos nos debruçar na publicação das memórias de Raquel Mussolini, primeiramente, o texto italiano para, depois, vermos a tradução, seus paratextos e seus epitextos.

O livro de memórias da viúva de Benito Mussolini foi publicado na Itália, pela editora Arnaldo Mondadori, em julho de 1948; a tradução brasileira saiu em dezembro do mesmo ano. Podemos, a partir dessas datas, inferir que existia uma eficaz rede de contatos entre as editoras italianas com os editores da IPÊ. No contexto italiano, podemos entender essa publicação a partir de dois vieses, sendo um mercadológico, pois é um texto publicado por uma expressiva casa editorial destinada à venda; e sob a ótica de um projeto ideológico de reconstrução nacional, que caracteriza a Itália do pós-guerra. Para efeito de análise, podemos tentar separar o viés mercadológico do ideológico, mas devemos ter presente que eles se retroalimentam.

6 Jornal italiano criado por Benito Mussolini. Circulou de 15 de novembro de 1914 até sua última edição, em 24 de julho de 1943.

No artigo *Mussolini, revisionato e pronto per l'uso* (FRANZINELLI, 2009), o historiador italiano Mimmo Franzinelli expõe e analisa uma série de textos publicados, em especial, nos primeiros quinze anos sucessivos à guerra que constroem a ideia de Mussolini “bom homem” e “pai de família”. Seu intuito é investigar como o homem que levou toda uma nação às ruínas pode ainda gozar de um persistente fascínio. O tom do artigo é bastante crítico em relação aos intelectuais antifascistas da época, dizendo que esses “demonizaram e ridicularizaram o *duce*, com atitude inconscientemente supersticiosa, sem fechar a conta com a relevância do personagem e com papel exercido por ele na história da Itália (e não somente)” (2009, p. 206). De modo antagônico a essa ridicularização não faltaram – na Itália e fora dela – editoras, escritores e jornalistas para “desfrutar de um rico veio de ouro”, lançando anedotas escritas pelo garçom do *duce*, pela camareira, pelos filhos, pela viúva e qualquer um que pudesse construir a imagem de Mussolini como se fosse visto pelo buraco da fechadura, na sua intimidade.

A partir do artigo de Franzinelli, notamos que a publicação das memórias da Mussolini é parte de uma complexa rede editorial ainda operativa para explorar o potencial de venda de materiais ligados a ele, inclusive seu busto conta com boa margem de venda e, vez ou outra, surge pendurada nos varais das bancas de jornal na Itália alguma biografia com fotos “inéditas” do *duce*. Dentre os elementos desses textos analisados pelo historiador italiano, podemos pinçar dois que são visíveis no livro que estamos analisando, tanto no “original” quanto na tradução: a estrutura dos capítulos e o uso de imagens. A sequência dos capítulos das memórias da Mussolini obedece à ordem de outras publicações do mesmo gênero: cronológica e quase hagiográfica. Podemos acompanhar desde o nascimento até a morte, descrita como sacrifício para terminar com o desconhecimento do local onde se encontra o corpo do ditador, na data em que Raquel termina de escrever suas memórias. Essa vida de “pai de família” e de homem ocupado politicamente é observada e descrita por uma mulher que se define “recatada na labuta doméstica” e “somente uma esposa, uma mãe e uma fiel colaboradora” (MUSSOLINI, 1948, p. 7).

Do título do livro aos títulos dos capítulos, Benito Mussolini é apenas nominado como Benito ou *duce*. A decisão de suprimir Mussolini do título não pode ser entendida apenas como uma redução estética, afinal Raquel quer contar sua história de vida como esposa do homem Benito, não do ditador Mussolini. No texto, o uso dos nomes Benito e Mussolini é alternado para designar o biografado, sendo Benito nos momentos íntimos e em contextos familiares, e Mussolini quando, nas memórias da esposa, o ditador exerce o papel político. Essa cisão para a construção de um Mussolini “pai de família”, dando certa duplicidade para o personagem, é mais eficaz do que o velho jargão: “foi ditador, mas também fez coisas boas”. O outro elemento de análise que podemos observar em ambas as edições é o uso da imagem, com as fotografias de Mussolini em família. Sobre isso, Franzinelli diz que “a popularidade (e a eficácia) da biografia por imagens está na origem de uma inteligente operação editorial lançada pela direita neofascista” (2009, p. 215, tradução nossa). Franzinelli ainda comenta de fotobiografias em que a seleção de fotos é a mesma do Ministério de Imprensa e Propaganda (2009, p. 216). A edição italiana conta com uma série de fotos que retratam Mussolini e a própria Raquel em cenas cotidianas como,

por exemplo, ele lendo o jornal ou trajando sunga e ela preparando *le tagliatelle*. São fotos que retratam um Mussolini pacífico, exatamente como Raquel o descreve no capítulo XVIII *Guerra ou paz?*. Na edição brasileira, há apenas a foto da capa, mas que não trai a intenção de demonstrar um “homem de família”, pois temos, diante de uma casa, Raquel à esquerda que sorri e apoia sua mão (aparentemente) no bolso do marido que veste terno escuro, gravata e chapéu. Ele, mais sério, projeta o corpo sobre os três filhos que estão na frente, vestidos em trajes formais. Sua centralidade e seriedade na foto o destacam como o provedor da paz e da tranquilidade dos demais. As memórias de Raquel não escapam à análise do historiador que, num único parágrafo, comenta a publicação, reforçando essa construção de imagem provedora do *duce*. O curioso é que o historiador coloca em xeque a autoria da obra, pois segundo ele, Raquel

(...) iletrada e semianalfabeta, figura como “autora” de dois livros: *A minha vida com Benito* e *Benito il mio uomo* (1958). O primeiro, editado pela Mondadori sem precisar quem o escreveu efetivamente, valorizou a mitologia do Mussolini homem de família, que funciona como contraposição ao roteiro do feroz amante de Claretta Petacci e de inúmeras outras. O segundo, publicado pela Rizzoli, é materialmente expandido pela publicitária Anita Pensoti, que extraíra outros três livros daquela história de “dona Raquel”. (FRANZINELLI, 2009, p. 212, tradução nossa)

Acabamos de acompanhar o caráter mercadológico do qual faz parte a publicação do livro *Minha vida com Benito*, mas é necessário pensarmos no caráter ideológico dessas publicações. Não podemos nos enganar e apressadamente entendê-las como simples publicidade do fascismo, pois, a partir do que vimos até aqui, podemos perceber que existe uma proposta de realocação desses personagens e de novas interpretações para o período de modo a dar corpo para a autoabsolvição e absolvição desses personagens dos crimes cometidos pelo regime. Não estamos diante de uma simples valorização de todo o *ventennio* fascista, muito menos se trata de uma tentativa de restauração daquele regime. É sobre isso que se debruça a historiadora italiana Bianca Maria Dematteis, no artigo *La banalizzazione del fascismo nell'Italia del dopoguerra*, que aborda “uma específica narração sobre o fascismo [que] se formou e circulou na Itália a partir do final da guerra.” (DEMATTEIS, 2019, s.p., tradução nossa). Segundo Bianca, é possível encontrar em alguns periódicos publicados nos primeiros dez anos da República Italiana um uso lexical e semântico que deu corpo a algumas ideias e opiniões sobre o fascismo, tornadas senso comum. A partir de três revistas publicadas no imediato pós-guerra, *Uomo Qualunque*, *Il Borghese* e *Candido*, Dematteis pôde verificar uma linguagem específica para construir um fascismo e um Mussolini que não se tratasse de fortes inimigo vencidos pela Resistência. Trata-se de uma estratégia que utiliza e ultrapassa o simples silenciar dos aspectos negativos do fascismo e criar uma memória seletiva. O objetivo dessa construção lexical e semântica é o “de atenuar a especificidade do fascismo em relação a outras ideologias.” (2019, s.p., tradução nossa).

Ao analisar as estratégias narrativas da banalização do fascismo nas revistas, Dematteis apresenta quatro elementos diferentes a serem observados: a banalização da violência fascista e o silêncio sobre os crimes fascistas; a inversão entre vítima e algoz; desespecificação do inimigo; e falsas analogias, operando um uso do passado. Nas memórias de Raquel Mussolini, podemos encontrar, ao menos, um exemplo para cada elemento proposto por Dematteis, contudo o texto se pauta na construção da figura paternal e de homem simples que se projeta na política apenas por desejo popular. É recorrente o tom de surpresa em relação à vontade popular e, logo depois, uma resposta do “próprio” Mussolini como se quisesse sempre atuar nos bastidores da política. É importante ressaltar que estamos discutindo um caso italiano, que podemos percorrer a partir da sua tradução no Brasil, mas são estratégias que também encontramos em outros contextos como, por exemplo, no Brasil hodierno, em relação à ditadura civil-militar de 1964 a 1985. Esse tipo de estratégia de banalização de crimes ditatoriais, muitas vezes, não causa o efeito desejado logo após a publicação do texto. Podemos perceber que, essas publicações, lá no passado, lançaram as bases para que determinados grupos possam, hoje, fazer discursos atenuantes desses regimes e defendê-los como “mal necessário”, mas essa ideia aplicada às questões políticas e sociais serve apenas para corroborar o que esses regimes defendiam: centralização do poder; o uso da violência contra opositores políticos e setores organizados da sociedade; supressão de direitos civis; censura e controle da imprensa e das expressões artísticas. Os grupos que defendem essas ações no passado costumam defendê-las também no presente.

No caso italiano, os grupos ligados à esquerda saíram bastante fortalecidos politicamente após a 2ª Guerra Mundial e a guerra civil italiana, por terem participado ativamente da organização da Resistência e terem colocado fim ao regime fascista. É importante lembrar que as mais diversas vertentes ideológicas e políticas participaram da Resistência italiana. A direita italiana, sobretudo aquela mais alinhada ao fascismo durante o regime, encontrou nessas publicações uma forma de atenuar o fascismo, para tentar reduzir as forças políticas dos grupos que saíram fortalecidos da guerra e que tiveram participação mais ativa na constituição da República Italiana. Podemos perceber que, para Dematteis, nesses textos, o fascismo perde aquela conotação ideológica impositiva para ser apresentado apenas como reação necessária contra as ameaças da época, principalmente contra a “ameaça do avanço bolchevique”, como podemos acompanhar na passagem em que Raquel comenta sobre a decisão de Mussolini (aqui ela o nomina como Mussolini) de auxiliar os nacionalistas espanhóis durante a guerra civil:

Objetei algo: as costumeiras razões femininas porque para nós mulheres a guerra é uma necessidade triste. Ele (Mussolini), sorrindo, advertiu: “Repito que a civilização ocidental, a verdadeira civilização europeia está perigando. Está em perigo o catolicismo, e o equilíbrio do Mediterrâneo. (...) Desejamos somente que a tentativa comunista na Espanha seja truncada, a fim de que não se propague por toda a Europa, inclusive a Itália. (MUSSOLINI, 1948, p. 158)

Uma das características do fascismo é a determinação e a imposição das funções sociais dos gêneros, e nessa passagem temos o choque entre ser mulher e a sua função de chorar pelos filhos que vão a combate junto à ideia fascista da necessidade da guerra, produzindo a frase: “para nós mulheres a guerra é uma necessidade triste”. Provavelmente, não se tratava de um sentimento unívoco entre as mulheres da época. Na mesma passagem, encontramos a função hercúlea de Mussolini: zelar pela verdadeira civilização europeia.

Sem perder de horizonte a revisão de Mussolini apresentada por Franzinelli e os elementos da banalização do fascismo analisados por Dematteis, podemos agora lançar um olhar sobre as memórias de Raquel Mussolini, publicadas no Brasil. Tanto as memórias da Mussolini quanto as de Senise e Alfieri foram traduzidas na fase final do desenvolvimento do mercado editorial brasileiro, lembrando que a circulação de livros no Brasil se deu a partir da implementação da imprensa régia, em 1808. No final do século XIX e início do século XX, grande parte dos livros brasileiros foram estampados na Europa. O desenvolvimento do mercado editorial brasileiro deu grandes saltos a partir dos projetos de Monteiro Lobato e a fundação da Companhia Editora Nacional em 1925 (BIANCONI, L. [et al.] 2013, p. 31-35). Por conta da crise de 1929 e com a redução das importações, houve um movimento positivo na indústria do livro no Brasil, durante a década de trinta. O IPÊ vai trazer para o Brasil as edições de luxo com a implementação de um grande parque gráfico na cidade de São Paulo, mas já se depara com grandes concorrentes no final da década de 1940 (NEVES, 2011, p. 129).

Fenômeno editorial na segunda metade da década de 1940, o IPÊ teve uma existência efêmera, pois foi criada em 1947, por iniciativa de Francisco Matarazzo Sobrinho e outros investidores e encerrou suas atividades em 1949. O que chama a atenção, em relação ao sucesso editorial e sua curta existência, é a qualidade das edições e, como veremos mais à frente, a propaganda massiva em diversos suplementos literários e jornais. A criação da editora coincidiu com a efervescência cultural na cidade de São Paulo marcada pelo pós-guerra, como a criação do Museu de Arte de São Paulo, por Assis Chateaubriand, entre outras iniciativas culturais, fatos que, somados à potência industrial da família Matarazzo e seus colaboradores, intrigam os motivos do fechamento das portas da editora, em um momento de lançamento de novos projetos e já sediada em novas instalações, no intuito de melhorar as publicações⁷. Segundo Juliana Neves, são vários os motivos que levam o IPÊ à falência, desses, chama a atenção a disparidade entre os investimentos no parque gráfico e a sua função de editora:

Para que as máquinas adquiridas pelo IPÊ se mantivessem ocupadas, o que garantiria o funcionamento e o equilíbrio financeiro da editora-gráfi-

7 *A vida dos livros*, suplemento literário *Autores e livros*, Rio de Janeiro, v. X, nº 3, p. 31, 01 fev. 1949.

ca era preciso, a um só tempo, concorrer com as demais oficinas estabelecidas na cidade, que não eram poucas, e atrair outros clientes além da própria editora, isto é, outros editores que, por sua vez, eram concorrentes do IPÊ. (NEVES, 2011, p. 75)

Neves conclui, dizendo que ao problema da concorrência soma-se à falta de prestígio de seus organizadores no meio editorial da época (2011, p. 130), ou seja, os nomes de Luigi Federzoni e Francesco Malgeri não foram suficientes para a manutenção e longevidade da editora, se considerarmos que seu fechamento responde apenas a uma questão econômica.

A história da Editora IPÊ ainda carece de pesquisas, contudo, o projeto do *Dicionário de Literatura Italiana Traduzida* tem contribuído nesse sentido, pois pensa a tradução da literatura italiana a partir do livro enquanto objeto. E foi justamente este objeto que nos trouxe até aqui.

No intuito de fazer uma breve análise da tradução, pinçaremos algumas passagens que se relacionam à construção de Mussolini “pai de família”, ou seja, “revisado e pronto para uso” e com os elementos linguísticos que banalizam o fascismo, mais especificamente a inversão entre vítima e algoz, a partir das lembranças de uma mulher que realmente sofreu as consequências como esposa do ditador fascista, que buscou “invocar a piedade cristã” mais do que justiça.

Em uma rápida comparação entre a edição italiana e a brasileira, podemos perceber que, além da já supracitada questão das fotografias, na dedicatória que Raquel faz a Benito foi acrescentada uma frase na tradução que não consta na edição italiana: “[...] a sua vontade ardente, que era o facho vivo vigilante sobre a Pátria.” (MUSSOLINI, 1948, p. 7), enquanto na edição italiana a frase termina em “[...] *la tua volontà ardente.*” Contudo, a frase acrescentada é mais coerente com a construção de Mussolini feita por Raquel em suas memórias. Saltam palavras como “ingratidão” e “maldade humana”, quando ela comenta sobre o assassinato do *duce*, afirmando que “ele deu tudo à Itália, até a vida” (MUSSOLINI, 1948, p. 321-322). São elementos que vão construindo o caráter hagiográfico da escrita sobre Benito Mussolini.

É inevitável, ao ler essas memórias, procurar saber como casos que já se tornaram clássicos na historiografia sobre o período são construídos e vistos por uma figura bastante próxima a do ditador fascista. Somos, também, de algum modo, atraídos pela própria proposta mercadológica desse tipo de escrita memorialística.

Para a nossa discussão de três capítulos, dentre tantos, chamam a atenção e corroboram para a ideia de construção de Benito Mussolini como “pai de família”, “bom homem” e já revisado para uso político: os capítulos III, *Nasce Edda*; XI, *O dia de Benito* e o XV, *O império*. No capítulo III, que conta a história do início do relacionamento amoroso de Benito e Raquel, podemos acompanhar o entrelaçar da luta política, das promessas de noivado e do nascimento da primeira filha, Edda. Raquel o descreve, aqui, como um homem político forte e até violento em algumas ações e palavras. Todo o capítulo é assim construído: Raquel o observa com sentimentos “maternais” e de “mulher apaixonada” (MUSSOLINI, 1948, p. 31), desse modo,

constrói a cisão de Mussolini político e até violento⁸, encontrando nas brechas do cotidiano o homem amável e pacífico como uma qualidade para um grande estadista, mas o que chama a atenção é a ponderação intercalada para apresentar um homem gentil e preocupado com o bem-estar da família e que se consolidava como jornalista e militante, como nessa sequência de passagens do mesmo capítulo:

Agradava-me seu caráter impávido que lutava contra um obstáculo até que o tivesse vencido. Eu seguia com alegria e até com ansiedade seus comícios, e agradava-me quando lançava aquelas suas frases firmes como um desafio; ficava impressionada ao ver que todos o escutavam com atenção. O que mais amava nele era, contudo, a sua bondade, oculta pela rude altivez aparente. (MUSSOLINI, 1948, p. 29)

Sentia-me maternal, embora fosse dez anos mais moça que ele, levada por aquele afetuoso que é o segredo da mulher apaixonada. E ele amava-me por isso. (*idem* p. 31)

(...) O ordenado do jornal era de cento e vinte liras, mas vinte passavam à caixa do partido. Nosso enxoval consistia em quatro lençóis, quatro pratos e seis talheres, que nos tinham dado nossos pais. Éramos, porém, imensamente ricos em esperança e juventude. (...). Ele trabalhava, eu cantava meus estribilhos da Romagna, arrumando alegremente a minha casinha cheia de paz, enquanto lá fora se desencadeava a luta política local. (*idem* p. 32)

O nascimento de Edda foi mais um motivo de grande emoção para meu esposo, e como suas emoções se traduziam sempre numa violenta necessidade de ação, atirou-se com renovado fervor à luta política. (...). Ele mesmo foi comprar, por quinze liras, um berço de madeira, levando-o nas costas até em casa.

Vinte e quatro horas depois do parto, que foi normal, eu já voltava aos meus afazeres domésticos. (*Idem*, p. 34)

Além da “bondade oculta”, temos a construção de um homem que, por ocasião do nascimento da filha, se projeta para a luta política, marcando o sacrifício da convivência com a família em prol de algo “maior”. Temos, ainda, a narrativa da origem humilde e da construção de Raquel enquanto mulher materna, procriadora e forte para os afazeres domésticos, um verdadeiro exemplo da mulher fascista, segundo a visão do teórico do fascismo Giovanni Gentile:

8 O pedido de casamento teria sido feito diante da mãe de Raquel e do pai de Mussolini através de uma ameaça com um revólver, onde Benito dizia reservar um tiro para a prometida e os outros para si (MUSSOLINI, 1948, p. 30).

A mulher é aquela que se dedica inteiramente aos outros até chegar ao sacrifício e à abnegação de si mesma; a mulher é, acima de tudo, idealmente mãe, antes de sê-lo naturalmente [...] Mãe para seus filhos, para os doentes, para os pequenos confiados à sua educação: em todo caso, para todos aqueles que podem se beneficiar de seu amor e aproveitar-se dessa sua inata, original e essencial maternidade. (GENTILE, 1934, p. 4 e 24)

Raquel Mussolini segue à risca os preceitos de Gentile, pois a construção de Mussolini “bom homem” em suas memórias se dá também pela construção dela como mulher, segundo a ideologia fascista. Seus próprios escritos estão a serviço da memória do esposo, construindo um apagamento de si mesma, no sentido de se colocar apenas como uma mulher materna, que antes de ser propriamente mãe, já nutre sentimentos maternos pelo homem amado e dedicada aos outros, exaltando esta qualidade, enquanto identidade compartilhada que vale para todas as mulheres que merecem esse “título” dentro do projeto de gênero fascista.

No capítulo XI, *O dia de Benito*, podemos acompanhar a descrição daquilo que seria o cotidiano de Mussolini. Chama a atenção o modo como foi estruturado este capítulo, pois Raquel começa a descrever um atentado sofrido por Mussolini no intuito de construir a ideia de um herói que não se deixou abalar pelo acontecido, dentre tantos detalhes, como descer “do trem para telefonar e só então perceber que seu paletó estava chamuscado” (MUSSOLINI, 1948, p. 100) por conta do atentado à bomba, ou um ferimento leve descoberto depois por acaso, Raquel diz:

O marquês Albicini, ao chegar, perguntou-me ansioso: “É verdade que saiu ileso?”. Apontei em direção do interior de onde vinha o som de um violino. “Está ouvindo? É ele”. Benito tinha-se esquecido completamente do que acontecera. (*Ibidem*)

Um atentado, quando extermina ou não seu alvo, pode sempre ser usado politicamente, atuando na comoção das pessoas. Efetivamente, Raquel quer expor não o atentado em si, mas começar a descrição das necessidades básicas cotidianas do *duce* a partir da reação popular do atentado e da demonstração de força e de capacidade de sobreviver de Mussolini. O trem no qual viajavam parou em todas as estações para que as pessoas pudessem ver Mussolini salvo, pois a notícia do atentado corria mais velozmente do que o próprio trem, assim conta Raquel (*Ibidem*). Ainda neste capítulo, Raquel comenta sobre uma personagem importante para o desenvolvimento teórico e para a implementação do fascismo: a crítica de arte Margherita Sarfatti. De crença judaica, convertida ao cristianismo em 1928, ajudou Mussolini na consolidação do fascismo. Sarfatti foi a autora da primeira biografia de Mussolini, intitulada *Dux* (1926), também assinava os artigos sobre arte do jornal fascista *Il Popolo d'Italia*. Teria sido amante de Mussolini, mas como se opôs ao projeto colonialista e à aliança com Hitler, acabou por se afastar do *duce*. Neste trecho, temos um exemplo do silenciamento de um crime fascista, provavelmente aquele que

custou mais caro ao regime e ainda é considerada uma página vergonhosa da história italiana: a promulgação da “lei racial de 1938”, que abria espaço para a perseguição de judeus e outras minorias étnicas em território italiano. Raquel, consciente da relação afetiva entre Sarfatti e Mussolini, faz uma descrição bastante negativa de Sarfatti, comenta, inclusive, que Mussolini não teria gostado da biografia escrita por ela. Raquel diz que ela foi para a América e depois nunca mais teve notícias (MUSSOLINI, 1948, p. 103), mas não diz que Sarfatti teve que se afastar permanentemente da Itália, por conta da lei racial promulgada por Mussolini. Vivendo entre o Uruguai e a Argentina a partir de 1938, Sarfatti retornou à Itália somente em 1947. Sua irmã, Nella Grassini, foi deportada da Itália para o campo de concentração de Auschwitz, onde faleceu⁹.

Neste mesmo capítulo, Raquel descreve o cotidiano do já ditador Benito Mussolini, defendendo que ele passou por “uma mudança exterior” em relação às roupas e ao círculo de pessoas que frequentava, mas sem mudar sua essência (MUSSOLINI, 1948, p. 104). E se segue toda uma descrição daquele que seria o idealizado “homem fascista”, a partir dos hábitos de Mussolini durante um dia de trabalho. Algumas passagens chamam a atenção, tais como:

Benito estava exteriormente mudado: vestia-se melhor e frequentava as pessoas mais diversas. Seu íntimo, porém, não havia mudado.

(...) (Mussolini) regressava a casa às 21 horas para o jantar que consistia numa sopa leve, verdura e frutas. Jamais bebia vinho ou licores. Tomava as refeições rapidamente, em poucos minutos. Não gostava de ficar à mesa e não fazia objeções a respeito da comida, contanto que fosse simples e genuína.

(...) Em tempos longínquos havia manifestado diversas vezes um único desejo; “o único luxo que eu desejaria permitir-me, se pudesse, era o de trocar os lençóis todos os dias”; logo que me foi possível, satisfi-lo. Esta foi a única nota de luxo em nossa casa. (MUSSOLINI, 1948, p. 104-106)

Mussolini apenas objetaria se a refeição não fosse simples e o único luxo desejado era, mesmo que de modo exagerado, ligado a uma prática de higiene. Alimentação balanceada, rica em frutas, recusa de bebidas alcoólicas e até a decisão de parar de fumar figuram neste capítulo, quase um manual de boas práticas e condutas. Praticamente, todo o programa social e político do fascismo está reunido nessas memórias, fato que, de tempos em tempos, durante a leitura, nos faz refletir sobre a supracitada pergunta do historiador Mimmo Franzinelli: quem realmente escreveu esse texto? Assim, Raquel vai construindo não apenas Mussolini, como também o

9 A ficha catalográfica de Nella Grassini está disponível no *site* do Centro de Documentação Hebraica, disponível em: <<http://digital-library.cdec.it/cdec-web/person/detail/person-3205/grassini-nella.html>>. Acesso em: 03/04/2022.

“legítimo homem fascista”. Mantendo a linha de construção identitária entre o “homem fascista” e a “mulher fascista”, ela finaliza o capítulo fazendo algumas considerações sobre si mesma: não possuía joias, que rejeitara um presente do marido por ser valioso e que não tinha roupas de pele, com exceção de uma comprada durante a guerra e que foi sequestrada.

No capítulo XV, intitulado *O império*, vem à tona a questão colonialista. Na tentativa de amenizar os problemas do colonialismo italiano, Raquel abre o capítulo com uma longa anedota sobre os passeios de bicicleta que Mussolini fazia nos campos no entorno da *Rocca delle Camminate*, castelo medieval situado próximo a Predappio (cidade natal de Benito Mussolini), que foi a residência de verão da família. Em um desses passeios, feitos sem a vigilância da polícia, segundo Raquel, “provocavam cenas interessantes e comoventes”. Nesta narrativa, Raquel dá a Benito Mussolini a imagem de quem sabe cuidar bem da própria propriedade, mas que também é bom curador da propriedade alheia:

Certa vez Benito entrou numa casa de camponeses onde morava uma família pobre e muito numerosa; encontrou o “chefe” discutindo com um pedreiro: tratava-se de erguer um pequeno cômodo e as contas não davam certo, porque o pedreiro pedia muito material. Meu marido, que entrara despercebido e escutava a discussão, interveio de repente: “Finalmente, quantos tijolos são necessários para construir esse cômodo?” Tendo superado a custo a admiração e confusão o pedreiro repetiu os cálculos; meu marido, que (...) entendia do assunto, fez algumas correções e deu um vale para a quantidade de tijolos necessários”. “Depois – acrescentou – será necessário fazer o estábulo para a vaca”, e ia tomando medidas. Assim foi construído o cômodo, o estábulo e finalmente reformada a casa toda. (MUSSOLINI, 1948, p. 137-138)

Considerações finais

Como dito anteriormente neste trabalho, não estamos interessados em saber se Benito Mussolini fez realmente ou não aquilo que está na anedota de Raquel. Chama atenção essa anedota estar justamente no início do capítulo sobre as intenções de Mussolini de expandir o Império Italiano, anexando a Etiópia. No decorrer do capítulo, comenta que Mussolini teria feito tudo de modo diplomático para essa empresa, mas como as negociações não fluíram, foi obrigado a usar a força, “a palavra fora cedida às armas”. Conclui o capítulo, dizendo que Mussolini declinou a uma oferta de título nobiliárquico oferecido pelo rei e imperador Vittorio Emanuele III, durante as festividades pela conquista da Etiópia e que, para surpresa do *duce*,

a grande colaboradora dessa empresa foi a Alemanha, que combateu as sanções impostas pela Inglaterra, França e Estados Unidos contra o Império Italiano.

Podemos encontrar muitos outros exemplos desse tipo na tradução das memórias de Raquel Mussolini, contudo, outro objeto de análise deste artigo são as publicidades dessa obra, e de outros livros do IPÊ, e a resenha publicada no suplemento quinzenal *Autores e Livros*. O suplemento foi lançado em 1941 e era encadernado junto com o jornal *A manhã* – órgão oficial do Estado Novo até 1945 –, da cidade do Rio de Janeiro. Considerado como rica fonte nos estudos literários e historiográficos por, entre outras coisas, traduzir de modo claro a concepção de literatura do Estado Novo enquanto “espelho da nacionalidade” brasileira¹⁰. O Estado Novo terminou em 1945, mas o jornal e o suplemento continuaram e, a partir de 1948, as publicidades e os comentários sobre o IPÊ são constantes até o início de 1949, quando foi publicada a resenha das memórias de Raquel. Trata-se de um epitexto público, segundo a definição de Gérard Genette, que os jornalistas do suplemento publicavam de acordo com os livros que recebiam das editoras. Não temos informações se essas resenhas eram pagas pela editora, de qualquer modo, podemos notar os espaços reservados para publicidade que, na sua imensa maioria, eram usados pelas editoras da época.

As resenhas eram publicadas na seção chamada *A vida dos livros*. O final dessa seção era composto por uma lista de livros que tinham sido recebidos para as próximas resenhas. Na edição do dia 10 de outubro de 1948¹¹, foi publicada a resenha do livro *Três imperialismos em luta* (1948), de Zingarelli. Na edição de 15 de janeiro de 1949, a seção “A vida dos livros”¹² informa que recebeu o livro *Minha vida com Benito*. Na mesma edição, na página 19, consta uma grande propaganda, ocupando um quarto da página, da publicação do livro de Raquel.

É curioso notar que, na edição de 1º de fevereiro de 1949, sempre na seção “A vida dos livros”, consta – ocupando três quintos da página – um grande texto sobre a editora, informando suas coleções e novos projetos para o corrente ano, com características e uma grande imagem publicitária da editora, contendo três títulos de romances e sobre uma tarja a escrita “edições de qualidade”. A resenha do livro de Mussolini foi publicada na edição número 4, do dia 15 de fevereiro de 1949, ocupando, curiosamente, a metade de duas páginas do suplemento.

A resenha pauta especialmente na figura feminina de Raquel Mussolini, construindo a mulher do *duce* como observadora/testemunha da história pública e privada do ditador italiano. O autor

10 *Dossiê A Era Vargas: dos anos 20 a 1945* (não consta autores) publicado no site do FGV CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/AManha>> Acesso em 30/06/2017.

11 *A vida dos livros*, suplemento literário *Autores e livros*, Rio de Janeiro, v. IX, nº 10, p. 119, 10 out. 1948.

12 “A vida dos livros”, suplemento literário *Autores e livros*, Rio de Janeiro, v. X, nº 2, p. 18, 15 jan. 1949.

da resenha, cujo nome inferimos ser Lisandro Mendes¹³, defende que as memórias de Dona Raquel, como ele a chama, estão despidas da construção da propaganda fascista através dos jornais do regime e das cinematografias. O autor ainda lembra a imagem de Mussolini trabalhando nu da cintura para cima como um operário, Raquel “mostra-nos um Mussolini familiar, quase sempre afetuoso, sempre simples e humano”. Mendes segue descrevendo os conteúdos dos capítulos e, para finalizar, ele define o livro como um “dos mais dolorosos que ainda lemos” e conclui retomando o modo como Raquel fecha seu livro: “Ainda hoje, ao encerrar estas minhas memórias, ignoro onde enterraram Benito. Recusaram dizê-lo”. Mendes compadece com o sofrimento de Raquel, dizendo que nem uma flor de saudade e piedade a viúva pôde colocar sobre os “miseros restos” do “super-rei da Itália”. Hoje sabemos que a localização dos “miseros restos” do ditador fascista Benito Mussolini não serve apenas para receber flores. Todos os anos, no dia 28 de outubro, a cripta com espólios de Benito Mussolini no cemitério de Predappio é o ponto de chegada do cortejo de neofascistas.

Referências

ALFIERI, D. *Hitler e Mussolini frente a frente*. Trad. CARVALHO, Maria J. de. São Paulo: IPÊ, 1949.

BERTONHA, J. F. *O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943*. In. Primeira Instância • Rev. bras. polít. int. 40 (2) • Dez 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/8FB5YgJk9CJvVRbHwNH5B6n/?lang=pt> Acesso em: 28/03/2022.

BIANCONI, L.; DIONIZIO, A.; MACEDO, T. *Traduções da literatura italiana no início do século XX*. In: PETERLE, P. (Org.). *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*. Tubarão, SC: Gráfica e Editora Copiart, 2011, p. 32-40.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Autores e Livros : suplemento literário de A Manhã (RJ) - 1941 a 1950*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=066559&pagfis=1> Acesso em: 04/04/2022.

CHARTIER, R. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DEMATTEIS, B. M. *La banalizzazione del fascismo nell'Italia del dopoguerra*. In *Passés Futurs*, nº 5, jun. 2019. Disponível em: <https://www.politika.io/en/notice/banalizzazione-del-fascismo-nellitalia-del-dopoguerra#1> Acesso em: 27/06/2021.

13 Não encontramos nenhuma assinatura do autor no começo ou no final da resenha, mas consta o nome de Lisandro Mendes ao final da referida seção.

DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO DE LITERATURA ITALIANA TRADUZIDA (DLIT). In: Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida. Disponível em: <<http://www.dlit.ufsc.br/>>. Acesso em: 27/06/2021

FRANZINELLI, M. *L'Aministia Togliati*: 1946. Colpo di spugna sui crimini fascisti. Milano: Feltrinelli Editore, 2021.

_____. *Mussolini revisionato e pronto per l'uso*. In DEL BOCA, Angelo (a cura di) *La storia negata. Il revisionismo e il suo uso politico*. Vicenza: Neri Pozza, 2009, p. 203-235.

GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GENTILE, G. *La donna nella conoscenza moderna*. In *La donna e il fanciullo*. Firenze: Sansoni, 1934.

GUIMARÃES, M. L. *O Palestra Italia em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)*. Dissertação, USP, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08092021-201429/publico/2021_MicaelLazaroZaramellaGuimaraes_VOrig.pdf> Acesso em: 28/03/2022.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil*. Trads. VILLALOBOS, M. da P. OLIVEIRA, L. L. de. SOUZA, G. G. São Paulo: EDUSP, 2017 [primeira edição: 1985].

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. de Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MALATIAN, T. *Até que o vendaval passe, “acreditar, obedecer, combater: o Fanfulla e o Duce (1922-1941)*. In. Luca, T.; GUIMARÃES, V. (Orgs.). *Imprensa Estrangeira Publicada no Brasil: primeiras incursões*. São Paulo: Rafael Zamperetti Copetti Editor, 2017, p. 330-361.

MAZZUCA, A.; FOGLIETTA, L. *Mussolini e Nenni: amici nemici*. Bologna: Edizioni Minerva, 2015.

MUSSOLINI, R. *Minha vida com Benito*. Trad. Dina de Mattei. São Paulo: IPÊ, 1948.

_____. *La mia vita con Benito*. Milano: Arnaldo Mondadori Editore, 1948.

NEVES, Juliana. *São Paulo no segundo pós-guerra: imprensa, mercado editorial e o campo da cultura na cidade*. In Revista brasileira de Ciências Sociais - SciELO. 26 (75), fev. 2011. Disponível em: <www.scielo.br/j/rbcsoc/a/fdRMmS9YV7KVJgKbPMJ8Gmg/?lang=pt> Acesso em: 27 jun. 2021

PETERLE, P. *Possíveis percursos no babélico labirinto da literatura italiana traduzida no Brasil*. In: PETERLE, P.; SANTURBANO, A.; WATAGHIN, L. (orgs.). *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950*. Niterói -Rj, Editora Comunità: 2013, p. 40-46.

PETERLE, P.; SANTURBANO, A.; WATAGHIN, L. *A literatura italiana traduzida no sistema literário nacional: um percurso entre 1900 e 1950*. In: PETERLE, P. (Org.). *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*. Tubarão, SC: Gráfica e Editora Copiart, 2011, p. 101-115.

SANTURBANO, A. [et al.] (Orgs.). *Literatura italiana traduzida no Brasil*. Florianópolis: CCE/UFSC, 2019. Disponível em: https://geplit.fflch.usp.br/sites/geplit.fflch.usp.br/files/inline-files/2_Mostra_%20Lit_Trad_01.pdf> Acesso em: 04/04/2022.

SENISE, C. *Eu fui chefe da polícia de Mussolini*. Trad. PIRES, J. Herculano. São Paulo: IPÊ, 1948.

ZINGARELLI, I. *Três imperialismo em luta*. São Paulo: IPÊ, 1948.

Recebido em: 12/04/2022

Aprovado em: 02/10/2023